

Com o título «Reflexões sobre o diálogo» inseriu o n.º 1415 da Seara Nova um extenso artigo, nem sempre claro nos seus objectivos últimos, mas que se apresenta com a aparência de um balanço crítico sobre os números de O TEMPO E O MODO. Por menos lisonjeira que seja a crítica feita — ou por mais insidiosa — pensamos que todos os leitores têm o direito de nos julgar e que O TEMPO E O MODO não tem que discutir esses julgamentos. Falam por nós os números publicados — de que nos orgulhamos, apesar das deficiências que somos os primeiros a reconhecer.

Mas estas linhas não seriam necessárias se não se insinuasse também no referido artigo que O TEMPO E O MODO visou «uma revista portuguesa e progressista» para se concluir daí, à boca pequena, que atacou malévola e a Seara Nova. A acusação é insubsistente e ridícula, mas tem feito o seu caminho em certas tertúlias. Pois bem, é tempo de lhe opor um desmentido formal: O TEMPO E O MODO não atacou nem atacará a Seara Nova, revista por cujo passado tem o maior respeito e cujo presente aprecia, e com a qual, portanto, só poderá ter — e só terá — as mais fraternais relações.

O TEMPO E O MODO  
N.º 7, Julho-Agosto de 1963

## DESMENTIDO A UM DESMENTIDO

SOTTOMAYOR CARDIA

A respeito do meu artigo «Reflexões sobre o diálogo» inserto no n.º 1415, publicou o n.º 7 de *O tempo e o modo* uma nota em que, depois de classificar o artigo de «nem sempre claro nos seus objectivos últimos» e «insidioso», declara que «é tempo de opor um desmentido formal» à «acusação» — que, apesar de «insubsistente e ridícula», «tem feito caminho em certas tertúlias» — de ter *O tempo e o modo* visado «uma revista portuguesa e progressista para se concluir daí, à boca pequena, que atacou malévola e a Seara Nova».

Assim como *O tempo e o modo* se não considera obrigado a discutir os juízos formulados sobre o seu trabalho, igualmente não sinto necessidade de comentar a sua asserção sobre a clareza dos objectivos do artigo ou sobre o carácter insidioso. Mas o «desmentido» não pode deixar de merecer alguma atenção.

Tanto quanto se entende da sua confusa e hábil redacção, essa nota (1) desmente que *O tempo e o modo* tenha visado uma revista portuguesa progressista, (2) desmente que tenha visado a Seara Nova, (3) afirma que o alvo foi identificado «à boca pequena».

1. *O tempo e o modo* visou uma revista portuguesa progressista. Onde? No editorial «Um humanismo interventor», publicado no n.º 5, designadamente no parágrafo em que se define o primeiro dos três métodos de reacção ao «espartilhamento» (pág. 4).

É irrecusável que esse texto se refere:

a) a uma revista — a uma publicação («ai se escreve», «ai se anuncia») com a qual *O tempo e o modo* se compara («a todas estas opções possíveis entendemos [...] que o caminho que temos seguido é ainda possível e útil» [sic]);

b) a uma revista portuguesa: «os fenómenos que se observam naquilo a que se costuma dar o nome de sociedades fechadas carecem que sobre eles nos debruçemos», e esse debruço é o editorial mencionado;

c) a uma revista portuguesa progressista: no contexto da intervenção humanista na sociedade fechada, a interrogação sobre o método («que haveria então a fazer?») necessariamente se entende como opção dentro de um objectivo humanizador, progressista, libertador, desespartilhador.

Refere-se a uma revista portuguesa progressista, e visa-a nos termos que transcrevi no artigo; visa-a, é claro, de esquina, tanto quanto é possível a uma linguagem com a estrutura lógica e expressiva exibida em quase todo o texto.

Considero portanto provado que, como escrevi no artigo, «é iniludível tratar-se de referência a uma revista portuguesa e progressista». E fosse a Seara Nova ou outra, o procedimento seria sempre de moralidade singular e contraditório do programa dialogante proclamado.

2. Revistas portuguesas progressistas, revistas com as quais *O tempo e o modo* se possa comparar, publicam-se actualmente duas: *Vértice* e *Seara Nova*. Não pode estar em causa a primeira, porque o texto diz «ai se anuncia fulano de tal — médico em Tavira» e essa revista não anuncia profissões liberais. Por isso escrevi que quem quisesse decifrar a charada poderia descobrir o enigma por exclusão de partes.

3. Por demonstração, por via dedutiva, pode concluir-se que *O tempo e o modo* alvejou de esquina a Seara Nova. Mas a redacção de *O tempo e o modo* sabe perfeitamente que eu não precisaria de tal dedução para saber quem é o destinatário da ferroada. Sabe perfeitamente que até houve uma «tertúlia» que teve conhecimento prévio do caso, «tertúlia» onde apesar de tudo me parece um pouco excessivo dizer que a questão se passou «à boca pequena» e onde não fui o único a desaprovar vivamente a passagem em causa. Prefiro não ser obrigado a falar de essa reunião de «tertúlia». Só me interessa acentuar que, se é lamentável que se escrevam textos enigmáticos e se ataque deslealmente, é pior que se façam desmentidos falsos.

Claro que felicito *O tempo e o modo* por vir agora declarar que Seara Nova é uma «revista por cujo passado tem o maior respeito e cujo presente aprecia, e com a qual, portanto, só poderá ter — e só terá — as mais fraternais relações». Independentemente de ter ou não havido uma conversão no intervalo que medeia entre o n.º 5 e o n.º 7, a solene declaração de fraternidade perde contudo por aparecer condicionada por uma tão desvoluta falsidade.

Suponho que mentir é pecado. Mas enquanto há vida, há esperança. O que

ANTES de encerrarmos este dossier — que só reabriremos no caso de surgirem novos elementos de discussão —, consideramos imprescindível responder a uma possível interrogação dos leitores: por que motivo publicou «Seara Nova», no seu número 1415, o artigo intitulado «Reflexões sobre o diálogo», de Sottomayor Cardia?

A fim de prestarmos completos esclarecimentos sobre essa pergunta, recapitulamos os pontos fundamentais do escrito sobre o qual a questão recai. Que intentou realizar através dele o jovem estudante universitário que é seu autor? Se não erramos foram três os seus objectivos. A saber:

a) Revelar, mediante a análise do editorial publicado em «O Tempo e o Modo» n.º 5, sob o título de «Um humanismo interventor», que uma passagem desse texto disparava uma farpada dirigida a uma revista portuguesa de índole progressista, e mostrar que os ataques e processos dessa ordem não parecem próprios de uma publicação que se propõe contribuir para um diálogo aberto e franco entre cristãos e não-cristãos;

b) Criticar a orientação ideológica predominante na mesma revista e situá-la correctamente no contexto da cultura portuguesa actual, tentando dissipar um pouco a quase geral confusão ideológica por que todos nós vamos sendo responsáveis;

c) Dessolidarizar o seu nome de um empreendimento cultural a que estivera ligado, embora, conforme declarou, de modo secundário.

«Seara Nova» concordou inteiramente com os termos do artigo de Sottomayor Cardia e com o seu conteúdo. Considerou, além disso, de interesse geral — e portanto merecedor da atenção dos leitores — o problema subjacente aos factos que Sottomayor Cardia procurava estabelecer e que, segundo nos parece, estabeleceu de maneira convincente. Afigura-se-nos necessário, apesar de tudo, equacionar a questão com maior nitidez.

Admitindo que a revista «O Tempo e o Modo» possui um rumo claro, um pensamento coerente — ao menos nos seus contornos gerais —, vimos no remoque com que nosleccionávamos e nou-

António Sérgio escreveu a respeito de um padre jesuíta — repito-o agora a respeito de *O tempo e o modo*: espero que «se cristianize um tanto». E o que passou... passou; *O tempo e o modo* não terá certamente sido nem o inventor nem o coveiro da mentira. Dos arrependidos é o reino dos céus, mas pode ser que dos reincidentes também seja: o preceito evangélico que manda perdoar aos que erram por não saberem o que fazem — de boa vontade o posso tornar extenso aos que erram exactamente por saberem muito bem o que andam a fazer. Mas claro que ser perdoado é uma coisa e ser desresponsabilizado outra muito diferente.

SOTTOMAYOR CARDIA

Shi